

HELENA CHAGAS



de Brasília

FH vai de terno velho

• Há mais razões a distanciar Fernando Henrique Cardoso de um novo Ministério do que se supõe. A principal é não tumultuar a votação do ajuste fiscal com a barganha dos cargos. Mas FH está sinalizando deixar para fevereiro as nomeações também na tentativa de ganhar tempo para superar os embaraços que PFL, PSDB e PMDB já lhe criaram neste mês pós-reeleição. Nem que para isso tenha que tomar posse com Ministério velho.

Fernando Henrique já decidiu transformar a "repose" (como estão chamando seus auxiliares), em 1º de janeiro, num acontecimento mais ou menos corriqueiro. O Palácio do Planalto quer passar à população a idéia de que não há um novo Governo e que não se deve, portanto, esperar novidades bombásticas nem criar expectativas de maiores mudanças na administração.

A palavra-chave para esse delicado período em que o país negocia com o FMI e trabalha para aprovar o ajuste fiscal no Congresso é, segundo um auxiliar presidencial, continuidade. Como gosta dos rituais do poder, é provável que FH cumpra todos eles à risca no dia da posse. Vai ao Congresso prestar juramento, único ato realmente indispensável, mas deve também desfilar em carro aberto pela Esplanada e aparecer com a faixa presidencial. E só.

Nesse contexto, vários ministros estão sendo confirmados nos cargos. Paulo Renato, da Educação, foi tratado com a deferência de uma confirmação pública. Luiz Felipe Lampra também já está reconduzido no Itamaraty. Ninguém tem dúvidas também quanto a Pedro Malan na Fazenda, José Serra na Saúde e Eliseu Padilha nos Transportes. Outros vão ficando, nem que seja por inércia política.

Com isso, o presidente bota água numa fervura que esquentou, e muito, nos últimos dias. A briga entre tucanos e pefelistas tem como parte mais visível a disputa em torno da criação do Ministério da Produção, mas esconde um mal-estar mais profundo. Anunciada por FH no primeiro discurso de reeleito, a pasta da Produção, englobando o BNDES e parte do Banco do Brasil, foi um aceno a setores do empresariado nacional. Deu também uma injeção de ânimo a seu partido, o PSDB. Especialmente porque a pasta já veio com a cara do ministro Luiz Carlos Mendonça de Barros — que, agora se vê, não sucedeu a Sérgio Motta apenas nas Comunicações, mas também como um dos motores do projeto tucano de poder.

Se é bom para o PSDB, é ruim para o PFL, reza a cartilha do poder. O Ministério da Produção fez o sempre comedido presidente pefelista Jorge Bornhausen trocar declarações mal-humoradas com o presidente dos tucanos, Teotônio Vilela, irritou o cacique maior do partido, Antônio Carlos Magalhães, e preocupou o discretíssimo vice Marco Maciel.

A primeira objeção dos pefelistas é quanto à possibilidade

de a nova pasta acabar sendo um contraponto à atual política econômica de Malan e Gustavo Franco dentro do próprio Governo. Mendonça de Barros e tucanos como José Serra e Paulo Renato defendem a correção urgente dos rumos da economia. Querem mudar o modelo econômico, deixar o Brasil menos dependente do capital externo, restringir importações.

Mas o maior temor do PFL é político. Seus caciques acompanharam com apreensão a movimentação do trio Mendonça de Barros/Serra/Paulo Renato nas eleições. Aham que investiram nas campanhas do PSDB mais do que simples declarações de apoio. Os pefelistas estão seriamente desconfiados de que o Ministério da Produção e seu superorçamento terão importante papel no projeto de poder do PSDB para 2002.

— Eles já têm a área social, com Saúde e Educação. Se ficarem também com a pasta do desenvolvimento, já saem elegendo o sucessor do Fernando Henrique — diz um pefelista.

Os tucanos afirmam que o anúncio oficial da criação da nova pasta é questão de dias. Mas o PFL fez chegar suas pesadas queixas ao presidente e diz que não é bem assim. A eles, FH tem dito que vai deixar a dança ministerial para fevereiro. Está adiando o momento de arbitrar a disputa.

E, com tudo isso, o presidente pode acabar mudando menos do que se pensa. Temerosos de perder espaço para o PSDB, PMDB e PFL mandaram recados de que ficarão satisfeitos se mantiverem os atuais espaços e alguns nomes.

O PFL quer ficar com Waldeck Ornellas na Previdência, pode trocar Raimundo Brito pelo também baiano Paulo Souto em Minas e Energia e não faz questão de manter Gustavo Krause no Meio Ambiente. Para a pasta, que é da cota do vice Marco Maciel, há dois candidatos: o senador eleito José Jorge (PE) e o líder Inocêncio de Oliveira (PE).

No PMDB, o xadrez também começa a se desenhar. Padilha fica, apesar da cobiça do vice-governador eleito de Minas, Newton Cardoso pelos Transportes. Newton terá sua compensação, assim como o PMDB rebelde de Goiás. A Justiça, com Renan Calheiros ou não, fica com o partido.

Diz um ministro que, assumir governo sem mudar Ministério, é como tomar posse com terno velho. O problema é que, para FH, neste momento a opção de elegância é entre um terno velho e outro rasgado na peleja com os aliados.